

DANIEL R. SALGADO
CONTOS DE ÁRIAN



KAEL E O JARDIM
DO TEMPO

Kael e o Jardim do Tempo

Daniel R. Salgado

Edição Especial Prêmio Célio Nori
Secretaria de Cultura de Santos
SECULT



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



I

O Sol e o calor da inóspita Selva Negra castigavam o corpo do guerreiro celta, que estava em pé no alto de uma pedra, sobre um elevado terreno. Seus olhos verdes procuravam, franzidos, por algo na paisagem ao redor, um sinal que fosse, de algum caminho que levasse ele e seus amigos para fora daquele local selvagem.

Fazia dias que ele e seus dois companheiros de viagem andavam por charcos, pântanos e, por vezes, encobertas trilhas pedregosas, camuflando o perigo de animais sorrateiros e suas presas venenosas prontas para atacar.

Se não fossem o treinamento e conhecimento de sobrevivência que aquele guerreiro possuía, todos já poderiam ter perecido. Ele fora criado em uma terra selvagem e perigosa, talvez não tanto quanto aquela selva escura, mãe de inúmeras lendas e desaparecimentos, onde os mitos mais sombrios espreitavam. Mas sua terra, chamada Gaéria, bem mais ao norte, tinha seus perigos também, enormes e sombrias florestas, selvagens montanhas com picos onde somente os deuses podiam ir, como acreditava seu povo.

Ele partiu ainda novo de sua Gaéria, e suas andanças por lugares ermos do mundo também o ajudaram a colher conhecimentos, mas naquele lugar havia outro inimigo. Comida e água eram abundantes e fáceis de se obter naquela selva, para alguém treinado como aquele jovem guerreiro, mas o que eles não estavam preparados era para o imenso calor que os castigava dia após dia, passo a passo. E o caminho era por demais irregular, cheio de obstáculos que a própria selva impunha e acumulavam-se pelo solo. O sol forte e a alta temperatura tratavam de consumir a energia de cada um deles. Era a mistura perfeita, que constava que fizera muitas vítimas no passado.

Uma estrada, que poderia ter muitos quilômetros percorridos em poucas horas, entre subidas, descidas e escaladas levava a metade de um dia. Eles tinham que beber água com mais frequência que o de costume, para não desidratarem, e por vezes, o guerreiro impediu que seus dois amigos bebessem mais do que o necessário. Como estavam em movimento constante, poderia acontecer de não acharem uma fonte potável para saciarem seus corpos, por isso a cautela em consumir a água que carregavam. Bastava que um animal morto apodrecesse para que quilômetros de água fossem contaminados em um rio, por isso tinham que saber exatamente de onde colher sua bebida.

O guerreiro gaério já quase desistira de achar uma nova trilha ali do elevado em que se encontrava. Não havia nada, em nenhuma direção, que não fosse mais vegetação densa. Ele ergueu a cabeça para se localizar pelo sol.

Norte, ele tinha que seguir ao norte, pois era de seu conhecimento que os reinos civilizados ficavam para lá, o problema era que ele não sabia o quão fundo haviam entrado na Selva Negra, então, não podia calcular quanto tempo levaria para eles alcançarem a civilização e as grandes cidades.

O grupo havia chegado a essa terra inóspita quando o navio que os trazia do distante oriente para o ocidente perdeu o rumo em uma tempestade. Eles haviam partido da longínqua ilha de Daikin, quando um sacerdote e um anão, também guerreiro, haviam ido buscar seu amigo gaério. Navegaram todo o mar do sul por dias e dias, e quando finalmente estavam chegando a um dos maiores reinos do ocidente, a tempestade os atingiu. Uma violenta e inesperada chuva com raios surgira no meio da madrugada. O mar revolto parecia não querer que chegassem a seu destino, balançando a embarcação de um lado a outro. O navio trincou seu casco ao chocar-se com recifes, e em meio à turbulência, fogo atingiu as velas. O guerreiro e seus dois amigos apenas conseguiram se salvar ao alcançarem um pequeno bote de madeira que estava sendo disputado violentamente pelos outros tripulantes do navio. Não bastasse a tempestade, aqueles experientes navegadores enfrentavam-se com lâminas furiosas para tomarem os poucos botes que restavam, e os três precisaram abrir caminho através daqueles que antes eram seus companheiros viagem, agora seus inimigos.

Eles cortaram rapidamente as cordas que os prendiam ao navio e, lançando-se ao mar após uma noite inteira de luta, venceram as furiosas ondas, sendo levados para a costa da Selva Negra. Na praia tentaram ver ao longe sinais de algum sobrevivente, ou bote que houvesse sobrepujado o mar tempestuoso assim como eles, mas ninguém apareceu.

Em sua mente, o guerreiro do norte temia ter sido tudo aquilo uma ação dos deuses, mais uma vez, pois presenciara a fúria deles caindo sobre pessoas desde que começara a cavalgar pelas terras ditas civilizadas. Mesmo jovem, o guerreiro havia visto cenas que nem o mais sábio ancião teria como explicar, senão como uma intervenção divina, e era sabido o quão feroz era o deus do mar no sul.

Sabendo que a capital mais próxima não era tão longe da tal Selva, e lembrando-se mais ou menos do ponto em que naufragaram, eles decidiram achar um caminho com o pequeno bote que eles haviam roubado, pois o mar ainda estava revolto, mas a selva era conhecida por ter inúmeros rios navegáveis.

Uma voz humana se ouviu entre os ruídos selvagens dos pássaros, trazendo o guerreiro do norte de volta de suas lembranças:

— Venha Kael, logo irá escurecer, e precisamos fazer fogo se quisermos descansar e comer o que sobrou de sua última caça.

— Estou indo, Dásmius. Só queria ter certeza de que há um caminho melhor para seguirmos. — respondeu o gaério para o sacerdote, enquanto descia das pedras.

— Venha logo, bárbaro! — reforçou o anão Nídol. — Devo lembrá-lo que você pode até ter o olfato e audição de um lobo, mas não os olhos de uma águia. Não há caminho ou trilha nesse maldito lugar que você nos trouxe — disse o anão tirando seu pesado elmo e enxugando a testa com as costas da mão.

Desde que conheceram Kael, os dois amigos sabiam que o gaério andava com um lobo, e este lhes contou que o animal crescera com ele desde pequeno, e que os sacerdotes de sua terra afirmaram que o lobo o presenteou, compartilhando seus sentidos. Não podia se provar isso, mas que Kael tinha realmente um bom olfato, isso tinha.

— Se você tirasse esse maldito peitoral de metal e esse elmo, você não estaria suando como um porco, Nídol. Mas você nunca me ouve...

— Nunca te ouço? Nunca te ouço? E como eu venho parar nesses lugares com você, hein, Caçador de Gigantes? — bradou o anão. — Eu deveria era realmente parar de te ouvir, isso sim! Não sei o que tenho na cabeça.

Antes que o gaério respondesse, o sereno sacerdote Dásmius interveio, como era de costume:

— Por favor, amigos. Discutir agora de nada adiantará, e não nos tirará desta selva. Não foi culpa de ninguém pararmos aqui. Vamos, eu vou ver se acho água. Se não me engano, há pouco você disse ter ouvido som de um córrego, não é, Kael? E você Nídol, junte galhos para a fogueira.

Kael sorriu, e falou mais calmo:

— É, você aprendeu mesmo a se virar, sacerdote.

Enquanto seus amigos se afastavam, Kael pensou se o guerreiro anão não estava certo. Teria ele ido longe demais?

Tudo isso começara após Kael ter matado mais um de seus gigantes, quando ele e Nídol navegaram com o navio da capitã Soraya. Foram bons aqueles dias em que se aventuraram como piratas. O navio era composto somente por mulheres, na verdade amazonas que haviam abandonado suas tradições, rebelando-se contra os pesados costumes que a elas era imposto, como o de nunca casarem com homens,

ou até de abandonar os filhos que nascessem meninos. Essas eram as Amazonas, grandes guerreiras que viviam em uma sociedade apenas composta por mulheres, e que eram excelentes guerreiras. Mas algumas dessas grandes mulheres não agüentavam aquelas imposições por muito tempo. O fato era que um grupo delas juntou-se a Soraya, outra ex-amazona e excelente navegadora. Juntas, haviam roubado um navio na costa oeste do continente em um grande porto, e tornaram-se piratas.

Com sua fé em Poseidon, Soraya conduziu a embarcação com sucesso, sem contar, é claro, que sua tripulação era de treinadas combatentes, melhores lutadoras que qualquer homem do mar, e foi nesta embarcação que Kael e Nídol atravessaram de um continente a outro depois de terem se aventurado em outras terras ainda mais distantes. Naqueles dias passados, antes de chegarem ao continente, pararam por uma ilha perto da costa oeste, onde Kael, Nídol e Soraya desembarcaram e terminaram por enfrentar um gigante de um único olho, conhecido como Ciclope.

Kael sempre sonhava com um gigante uma noite antes de encontrar algum. Desde sua juventude era assim. Ele acreditava que era seu dever enfrentá-los, um destino imposto pelos deuses de sua terra, e fora isso que lhe dera a alcunha de “Caçador de Gigantes” através dos anos. Mas aquele Ciclope era diferente. Kael não havia sonhado com ele, mas devido a experiências passadas e à sua juventude impetuosa, após árdua luta eles o derrotaram. Mas, com essa imprudência, enfureceram o deus do mar Poseidon, pois aquele Ciclope era um dos guardiões da ilha, que diziam ser habitada pela filha do próprio deus do mar.

Poseidon, como castigo, amaldiçoou todas as mulheres do navio de Soraya, transformando-as em sereias, tornando-as as novas protetoras da ilha. Nesse momento o guerreiro gaério começou sua busca de vingança, indignado pelo castigo cair sobre as mulheres do navio ao invés dele, que cometera o ato contra o Ciclope.

Soraya sobreviveu, não fora amaldiçoada, mas perdeu toda a sua tripulação, e com Nídol e a pirata eles conseguiram trazer o navio de volta. Mas Kael abandonou seus amigos assim que chegaram à costa e seguiu então até o oriente.

Lá, juntou-se ao temido Górgos, filho de Hades, o único semideus que ousava desafiar todo o panteão dos deuses do Olimpo, e temido por qualquer homem que empunhava uma espada, pois ele nunca fora derrotado e não se curvava a ninguém. Conhecendo os rumores sobre o semideus, e cego pela sua fúria, o gaério tornou-se um dos generais de Górgos, pois acreditava que se alguém no mundo poderia lhe ensinar a enfrentar um deus, este seria o filho de Hades.

O gaério saqueou e vandalizou em Daikin, mas sua honra nunca foi totalmente perdida, pois ele nunca agiu covardemente, e nunca enfrentou um homem, se este não estivesse com a espada em punho. Mas a sede de vingança o estava quase enlouquecendo. A culpa pelo acontecido à tripulação de Soraya o atormentava, e ele queria que Poseidon pagasse por sua injustiça. Além disso, Soraya, com quem ele teve um breve relacionamento, perdera tudo o que tinha naquela incursão.

Isso movia Kael em cada batalha, mas após meses no oriente, ele começou a perceber que aquilo não o levaria a nada. Talvez Górgos o estivesse apenas usando, e se não fosse Nídol e Dásmius encontrarem e resgatarem seu amigo, trazendo-o de volta à razão, talvez ele não estivesse mais nem vivo, ou até pior.

Kael ainda se perguntava, durante a viagem inteira de volta do oriente, porque Dásmius insistia em acreditar tanto nele. Seus dois amigos haviam ido longe, atravessando um continente inteiro, para encontrá-lo e trazê-lo de volta. Dásmius era um sacerdote de Athena, dos reinos civilizados, e um homem bom. Já Nídol, o anão, vinha de um lugar mais distante ainda, mais ao norte do que a terra de Kael, onde cultuavam outros deuses, do panteão asgardiano. Eram três homens de três culturas diferentes, e o lobo Conall, que fora deixado na Gaéria antes dessa aventura pelo mar. Amigos e irmãos de alma. Eles eram a família que Kael tinha, e eles o fizeram voltar à razão.

O guerreiro desistiu de sua vingança em partes, pois percebeu que estava seguindo um caminho sem volta com aqueles mercenários de Górgos, mas no fundo de seu coração, ele ainda queria vingar-se do deus do mar.

Apesar de não ter dito nada para o anão e o sacerdote, ele tinha quase certeza que a tempestade que os jogou na costa da Selva Negra fora obra de Poseidon.

— Malditas sejam as artimanhas dos deuses! — Kael praguejou ao recordar-se do episódio. E o que o preocupou mais ainda foi que sonhara com um gigante na noite anterior.

Quando entrou na selva, havia seguido o rio no bote, junto com seus amigos, olhando tudo às margens, tentando chegar logo à civilização, mas não viu o perigo que havia debaixo d'água, e foram derrubados pelo que parecia um gigantesco crocodilo, que por pouco não os atacou. Mas o animal era tão forte que destruiu o pequeno bote, forçando-os a continuar seu caminho a pé, até aquele entardecer.

Enquanto Kael observava Nídol às margens da floresta, recolhendo os gravetos, ele ainda pensou, *“Os únicos gigantes que vou encontrar aqui são esses malditos insetos.”*

Kael levantou-se, e no instante em que se dirigia para ajudar seu amigo a trazer a lenha, o vento mudou de direção e trouxe até ele um perfume levemente doce. Ele parou, tentou respirar com mais cautela, a fim de se concentrar na brisa, que chegava juntamente com a noite que se estendia sobre eles.

Níðol olhou seu amigo e, ao ver a expressão em seu rosto, largou a lenha. O anão já havia visto aquele olhar várias vezes, e se aproximou com seu machado em punho, perguntando:

- O que foi, Kael? Achou um gigante ou algo assim?
- Não. Peguei um outro cheiro.
- De quê? Alguma criatura? Diga! Que cheiro?
- De mulher.

II

As estrelas já cobriam todo o céu daquele lugar, a Selva Negra, a mais perigosa e sombria de todo o continente. Mesmo com uma noite tão clara quanto as dos céus do sul, a luz lutava permanentemente contra as copas das altas árvores para atravessar a folhagem, o que tornava a maior parte da mata por demais escura.

Por entre os troncos, além das sombras, a vida só era notada pelos sons que insistiam em se manifestar por todos os lados e cantos, de moitas baixas e poças d'água, aos altos galhos e folhagens, não vistos por estarem encobertas pela escuridão e distância.

Naquelas enlameadas trilhas, os três homens embrenhavam-se na mata soturnos como felinos. O guerreiro gaério andava à frente, levemente arqueado, como se fosse um predador da floresta rastreando a presa. Ele buscava a menor luz que pudesse atravessar as árvores e cair no solo como um raio de sol, pois para ele, somente um pequeno feixe de luar já era o bastante para seus olhos treinados verem o caminho.

— Vai devagar! Sou um anão, lembra? — resmungou Nídol, quebrando o silêncio.
— E estamos numa maldita mata densa com troncos e pedras no caminho, que tenho praticamente que escalar.

Kael era mais rápido realmente, mas mesmo assim ele se continha, pois estavam em território estranho, matas que ele nunca antes vira em sua vida. Tudo ali era diferente para o guerreiro, o tipo de terreno, muitas das plantas, e até alguns animais, mas ainda assim era território selvagem. Mesmo que desconhecido, Kael sempre soubera viver em lugares assim.

Dásmius era o que mais sentia dificuldade de se mover. Ele era um sacerdote e, mesmo já tendo se aventurado com seus amigos pelo mundo, suas vestes de túnicas longas o atrapalhavam em locais selvagens demais. Por vezes, o guerreiro lhe alertava sobre suas vestimentas, mas o sacerdote de Athena não abria mão de seu traje clerical, mesmo já tendo largado muito das pompas e capas que seus pares usavam nos grandes templos.

— Pelos deuses de Asgard, o que uma mulher faria aqui? Além desses insetos gigantes, algo mais vive aqui? É impossível! — indagou Nídol.

— Vive sim, anão. O lagarto que virou nosso barco — resmungou Kael.

— Se bem me lembro de meus estudos em Cércion, aquilo se chama “Crocodilo” — completou Dásmius.

— Pouco me importa o nome daquele bicho, lagarto, réptil, inseto, sei lá. Mas um humano aqui? Pior, uma mulher? Nós somos loucos, tudo bem... Mas uma mulher?! Tem certeza que sentiu o perfume de mulher, Kael? — indagou Nídol, novamente incrédulo dos instintos de seu amigo do norte.

— Onde está sua fé, Nídol? Kael é bom em rastrear. Se ele disse que sentiu algo, é porque sentiu. Sabemos que acontece, não é? — respondeu Dásmius, enquanto tentava soltar um pedaço de sua túnica preso em um galho baixo.

— Fé? Eu sou um homem de fé. O problema não é esse, Dásmius — respondeu Nídol. — Sempre fui homem de fé e segui esse bárbaro para vários lugares. Não duvido das capacidades dele, mas dessa vez tem algo errado. E, claro, ainda confio mais no faro do Conall. Já poderíamos ter ido buscar aquele lobo pulguento, se não tivéssemos caído na tempestade que nos desviou para cá. Conall não confundiria o cheiro de criaturas com o perfume de uma mulher no meio da selva.

— Sei o que falo, Nídol. E sei que é estranho, mas era um perfume. É um perfume fraco, mas é de mulher, tenho certeza. Só preciso achá-lo de novo.

Kael ergueu-se e levantou a cabeça, respirando o ar e buscando a brisa, como faz um animal selvagem. Os ventos eram fracos e mudavam de direção freqüentemente. Por sorte, a noite não era tão quente quanto o dia, e seria mais fácil se locomover se não fosse a escuridão. Eles seguiram Kael, que andou, farejou e buscou.

Subitamente, apesar de até então o vento ser fraco, uma lufada forte veio até eles, balançando as plantas e remexendo as altas moitas ao redor, e sem hesitar, Kael correu para a direção do vento. Seus amigos se apressaram a segui-lo, tropeçando um pouco, e às vezes um ajudando o outro, mas conseguiram acompanhá-lo e chegaram a um declive.

Toda a escuridão daquela selva terminava ali. À frente deles havia agora apenas o céu aberto e estrelado. O chão descia em uma encosta arenosa, metros abaixo, e revelava uma visão incrível para aqueles três homens. Sob o manto estrelado onde três luas crescentes brilhavam de maneira majestosa, se revelava claramente, uma velha cidade de pedra, ao centro de um campo de copas verdejantes. Muros que deveriam ter vários metros de altura e que um dia serviram para proteger a grandiosa cidadela, agora eram escuros e quebradiços, tomados por trepadeiras que percorriam quase toda sua superfície.

E entre esse enorme círculo de proteção murada, projetavam-se casas, de onde se avistava mais de seus telhados e pináculos, ladeados por ruas, com pedras bem talhadas e simetricamente bem postas. No centro da cidadela, erguia-se imponente, como se apontando para a maior das luas, a metade de uma torre. Era o único monumento da cidade que não fora tomado por plantas ou musgo, apesar de apenas metade da torre ter resistido ao tempo. E por fora dos muros da cidade, continuava a mesma e densa selva.

Os três observaram por algum tempo fascinados. A visão era realmente linda, e Kael apontou, mostrando para seus amigos, um grande rio. Ele refletia vários pontos brilhantes das estrelas, correndo para a direção leste, e passava por trás da cidade, ao norte de onde eles estavam.

— Certo, uma cidade no meio da selva. Isso eu não esperava — disse Nídol. — Bom, eu também não esperava uma mulher à noite aqui, e parece que ao menos nisso estou certo.

— Não, Nídol, eu senti. Ela deve estar lá.

— Mas é uma cidade abandonada. Veja como está destruída. Como alguém sobreviveria ali? — indagou Dásmius.

— Há muitas maneiras de se viver em locais assim. E se for alguém bem treinado? — falou Kael, enquanto já procurava uma maneira de descer a encosta. — Ou talvez esteja aqui há pouco tempo, assim como nós.

— Se for isso, então pode ser uma amazona. Elas adoram se enfiar em problemas desse tipo — concluiu o anão, seguindo o Gaério também.

Cautelosamente, eles desceram aquela encosta, e Kael avisou a Dásmius para olhar bem as pedras antes de se apoiar, pois algumas poderiam conter limo e serem escorregadias. Mas em poucos minutos eles conseguiram chegar à terra plana novamente. Dásmius sorriu. Desta vez fora mais fácil do que a última em que escalaram encostas pedregosas como aquela, e o sacerdote sentiu que estava ficando melhor a cada empreitada com seus amigos.

Eles então tomaram um longo gole de seus odres de água, mais tranqüilos após terem visto o grande rio. Kael desembainhou sua espada e começou a andar por esta nova vegetação, vez ou outra abrindo caminho, cortando cipós, mas logo descobriu uma trilha disfarçada, fácil de seguir. Percebeu que o lugar tinha sido usado, e não fazia muito tempo. Ele analisou rapidamente e falou para seus amigos:

— Pessoas devem habitar este local, sim. Seguiremos esta trilha com cuidado.

Naquela parte a luz era melhor, pois as copas das árvores não se cruzavam, como na maioria do caminho anterior, permitindo assim o brilho das luas cair por todo o local. Percorreram por pouco tempo, e Kael ainda buscava no ar o cheiro da mulher.

Era estranho, parecia que, volta e meia, uma brisa mais fria chegava a seu rosto, como se estivesse mostrando o caminho, mostrando onde essa mulher estaria. Agora, era a temperatura do vento que o conduzia, não mais o odor. E naquele momento então, até mesmo Kael começou a duvidar de seus instintos. O vento que o tocava era mais frio do que poderia ser naquela selva quente.

Após meia hora caminhando, ele percebeu que a trilha dirigia-se para a cidade, mas, um pouco mais à sua esquerda a noroeste, outra trilha menor surgia, um pouco mais encoberta por vegetação rasteira, e era de onde viera a última brisa fria que sentira.

Ele parou.

— O que foi Kael? — perguntou-lhe Dásmius.

— Este caminho nos levará à cidade, mas não é para lá que ela está.

— Tem certeza?

— Não sei, apenas intuição.

O gaério estava confuso, mas não queria demonstrar isso a seus amigos. Não queria dizer que estava seguindo um ar gelado que lhe vinha volta e meia.

— Bem, mas temos que ir para algum lado, Kael — falou Nídol.

O guerreiro tentou buscar um sinal no ar, mas foi no solo que ele encontrou. Na trilha maior havia, um pouco mais à frente, marcas nítidas de uma pessoa que se desviava em direção a leste. Kael agachou e analisou. Eram pés de homem, e moviam-se sorrateiros, margeando a trilha próximo às árvores, como se não quisesse ser visto.

Ele mostrou a seus amigos as marcas e pediu silêncio.

Aquela noite era quente e o indivíduo deveria estar andando há muito tempo. Suas marcas no chão eram fundas, o que denotava estar carregando peso. Os amigos seguiram as pegadas, com Kael à frente mais uma vez. Não andaram muito, e logo o guerreiro pôde ouvir som de metal, talvez uma armadura, um elmo, algo do tipo, o que indicava que poderia ser um guardião ou um soldado.

Então, sem tentar buscar hipóteses, Kael simplesmente avançou esgueirando-se pelas árvores e mata, até que, pouco adiante naquela trilha, sentado no chão e encostado a uma árvore velha, estava o homem. O estranho vestia um saiote e uma armadura peitoral pesada, com muitos entalhes, semelhante aos dos soldados dos

reinos próximos, que faziam fronteira com toda aquela selva, o último sinal de civilização antes daquela terra selvagem tomar conta do sul. Ao lado do soldado havia uma tocha caída ainda acesa, e sua espada ao solo, assim como seu braço, estavam largados de qualquer jeito. Ele parecia não ter força nem para mexer as mãos.

O guerreiro do norte surgiu das sombras como um felino silencioso, assustando o pobre homem sentado na trilha.

— Sagrada Hera! — bradou o soldado, com dificuldade. — Quem é você, homem?

— Meu nome é Kael, sou um gaério. E o que faz um soldado com uma armadura tão pesada embrenhado neste maldito lugar?

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa. E uso armadura, pois achei que me protegeria das criaturas desta selva, mas não adiantou.

No mesmo momento em que Nídol e Dásmius já se aproximavam pela mesma trilha, Kael pôde notar que aquele homem estava ferido. Ele falava e respirava com muita dificuldade. Com mais atenção, notou que na parte de trás de seu ombro, havia sangue e dois pequenos buracos espaçados, como a picada de uma serpente. O rosto daquele soldado estava totalmente molhado de suor, como se tivesse acabado de se lavar, mas o homem ainda conseguia falar:

— Me chamo Acrísios, e eu venho de...

— Não me interessa de onde vem. Interessa o porque está aqui, e que tipo de animal te feriu desta maneira — interrompeu Kael, já agachando e tentando analisar melhor a ferida. Mesmo parecendo com a mordida de uma serpente, os furos eram muito espaçados, o que significava que o animal deveria ser muito grande, mais do que o normal. O guerreiro nunca vira uma serpente peçonhenta de tais proporções. Apenas cobras constritoras seriam de tal tamanho.

Dásmius e o anão nada disseram, apenas aproximaram-se, e Nídol, enquanto ouvia a conversa, já se punha a vigiar o território, olhando cada sombra à volta deles.

Acrísios explicou:

— Ousei deixar as trilhas para ir atrás da jovem Thamira. Ela é filha de um sábio de nossa comunidade e saiu neste entardecer... Preciso alcançá-la...

— Comunidade? — indagou Dásmius. — Aqui, no meio da selva?

— Sim — continuou Acrísios, enquanto Kael tentava dar os primeiros socorros no que podia. — Há guerreiros de várias partes do continente. Minha tropa chegou há pouco tempo. Os que se oferecem, pelo que sei, ficam de três a cinco anos aqui, ganham muitas recompensas e retornam a seus reinos com muito ouro. São os

rumores que rondam todas as cidades mais próximas a esta selva. Alguns claro, se perdem na mata e nunca mais são vistos. Outros, como nós, conseguem achar a cidade. Mas preciso alcançar Thamira!

— Calma homem, está um breu tenebroso fora da trilha. Uma moça não conseguiria ir tão longe — disse Nídol. — A menos que estivesse fugindo de algo, ou de você.

— Não — balbuciou Acrísios, engasgando em seguida. O jovem soldado fechou as mãos na terra. Kael sabia que não havia mais o que se fazer. Sem reconhecer o tipo de serpente, e sem um antídoto, nada adiantaria, então falou.

— Eu acho que você pode explicar melhor sua história depois, amigo, pois creio que a menina não está tão longe. Posso ouvir voz de mulher.

Acrísios tentou levantar-se, mas não conseguiu, e golfou sangue quando recostou-se de volta ao troco da árvore. O veneno se espalhou rapidamente. A experiência de Kael indicava que aquele soldado não passaria daquela noite. Ele podia ver também uma parte da armadura amassada, como se algo tivesse golpeado suas costelas, ou talvez apertado. Pela rápida análise, com certeza havia uma costela quebrada além de tudo, e se perfurasse um órgão, ele continuaria tossindo sangue. Kael levantou-se e focou seus olhos na mata, dizendo:

— Nídol, vem comigo. Dásmius, pode fazer algo por ele?

— Receio que não, a menos que minhas preces sejam atendidas, pois apenas posso orar neste momento.

Acrísios então, sabendo que sua jornada não continuaria por mais tempo, tentou segurar nas mãos do gaério, mas não conseguiu. Seus músculos estavam paralisados, e respirou fundo como que buscando coragem, apesar de seus olhos mostrarem todo o medo que sentia, dizendo:

— Gaério, só lhe peço duas coisas, pois há uma força grande em vocês. Por favor, em nome dos deuses, leve Thamira para casa.

Kael apenas consentiu com a cabeça, e Acrísios continuou:

— E ore por minha alma assim que eu partir, pois não sei se os deuses ouvirão minhas súplicas de arrependimento.

— Vou buscar a sua mulher. Eu o faria de qualquer maneira, mas quem ora aos deuses aqui é o homem ao seu lado, não eu.

Enquanto Kael e Nídol desapareciam nas sombras da mata, Dásmius, sorrindo gentilmente, colocou uma moeda de ouro nas mãos de Acrísios, para sua passagem deste mundo, como era o costume de seu reino Mératon. E ao fechar os olhos, começou sua prece.

III

Às vezes o suor caía nos olhos de Thamira, enquanto ela corria desesperadamente por uma pequena trilha de terra batida. Há poucos minutos sua tocha caíra ao chão, mas ela não pudera parar para retomá-la. Ela ouvia os ruídos da selva atrás dela, e podia jurar que sentira o fétido hálito quente de uma fera em sua nuca. Talvez fosse apenas o calor, talvez fosse apenas o medo, mas ela tinha que continuar correndo.

Seu pai, com certeza, seria capaz de acorrentá-la se soubesse o que ela pretendia fazer, um dia antes, pois ninguém que atravessara a Selva Negra retornara vivo para dizer como era. Nem dos reinos que margeavam a selva, nem das sombrias ruínas que se situavam dentro da mata.

Já a um bom tempo Thamira não via o céu como naquela noite especial, mas ela não podia parar para contemplar as luas e estrelas, precisava de alguma maneira chegar à grande e esquecida estrada, pois seria a única maneira de deixar aquele lugar. A estrada de Hermes passava pela Selva Negra e seguia para o reino de Mératon, mas nenhum homem ou mulher, nenhum sábio ou sacerdote sabia disso, ninguém fora da selva jamais ouvira falar sobre essa estrada. Somente o povo de Thamira, que vivia há muitas luas naquelas ruínas, sabia esse segredo. Se ela conseguisse achar a estrada, estaria a salvo.

Como seu pai lhe dizia, e ela acreditava, era um caminho no qual o próprio deus Hermes aventurava-se quando percorria o mundo dos homens. Outro ancião de seu povo lhe contou que Hermes construía esta estrada para que seus protegidos, os ciganos, pudessem atravessar de um reino ao outro mais rapidamente, sem correr nenhum perigo devido às criaturas que habitavam a selva. Em sua mente, Thamira apenas queria vislumbrar a estrada. “*Não era tão longe, não era tão longe*”, ela repetia para si mesma.

Seus grandes olhos castanhos estavam acostumados a enxergar no escuro, mas ainda assim, era um caminho inóspito e desconhecido para ela, e foi em um momento muito rápido, num piscar de olhos e breve distração, que seu pé afundou em um buraco, uma pequena fissura no solo, suficientemente funda para derrubá-la.

Ainda caída, ela se virou e puxou um pequeno punhal de sua cinta, pronta para se defender, mas nenhuma criatura chegou, mesmo Thamira tendo ouvido um sibilar instantes antes.

Mas quando tentou levantar-se devagar, ouviu outro som, outro estalo na terra. Ela se arrastou para a margem da trilha, tentando esconder-se atrás de alguns arbustos. Alguns instantes depois a jovem tentou retornar seu caminho, mas ao dar um passo, não conseguiu caminhar. Ela não conseguiria ir a lugar algum no estado em que seu pé se encontrava, inflamado e latejando. Com dificuldade, mancando e apoiando-se nas árvores, Thamira conseguiu voltar à trilha, mas a visão com que se deparou a deixou perplexa.

Uma gigantesca cobra estava a poucos metros dela. Com escamas de um cinza brilhante, lentamente a criatura ergueu sua cabeça do solo, mantendo uma parte de seu corpo alta, na altura do rosto da jovem. Parecia ter vários metros de comprimento, e ao mostrar suas presas ameaçadoras, a jovem viu que todo o interior de sua boca era preto como um céu sem estrelas. O corpo do animal contorceu-se no chão e arqueou a cabeça para trás levemente, se preparando para dar o bote. A cobra era tão grande que Thamira achou que poderia engolir sua cabeça.

A jovem estava congelada, não movia um músculo, nem conseguia respirar. Mas em uma fração de segundo, quando a cobra ameaçou o bote, um brilho prateado cortou rapidamente o ar, acertando o pescoço do animal, jogando a cobra contra um tronco grosso de árvore. Era um machado, que com o golpe prendeu-se à árvore, quase decepando a cabeça da criatura.

A jovem olhou na direção oposta, e viu um anão de barbas negras e armadura brilhante, ajeitando o elmo em sua cabeça, com um sorriso no rosto:

— Em cheio! Falei que eu acertava de primeira, Kael.

Em seguida, vindo das sombras, do outro lado, um guerreiro de cabelos castanhos ondulados, com espada desembainhada, caminhou até ela, falando com o anão:

— É, acertou de primeira, mas você está perdendo a força. Em outros tempos teria partido o animal em dois.

— Salvamos a menina, não salvamos? E você viu a grossura do pescoço dessa coisa? Suas escamas devem ser quase como as de um dragão! E se eu estivesse mais perto, ao invés do lado que você mandou eu vir, eu conseguiria.

— Você é forte, mas faz muito barulho, Nídol. Pensei que, em último caso, você distrairia o animal.

— Claro! Agora virei isca! — respondeu Nídol sarcasticamente, puxando seu machado de volta da árvore, enquanto a serpente ainda estremecia seu corpo. Ele deu mais um golpe para terminar de cortar a cabeça da cobra. — No próximo gigante que encontrarmos, vou me lembrar bem disso, seu bárbaro gaério.

Os guerreiros voltaram-se para a jovem Thamira, que estava ofegante, ainda tentando esconder-se em meio à escura vegetação.

— Tá bom, eu admito. Você achou uma mulher no meio da selva — disse Nídol, resignado.

— Não era esse o cheiro.

— Tem duas?!

— Já não me espantaria, meu amigo — respondeu Kael.

Após ver que aqueles dois guerreiros não representavam perigo, a jovem aproximou-se com dificuldade, ainda um pouco atordoada, e agradeceu com palavras baixas e trêmulas:

— Meu nome é Thamira. Creio que eu não teria como derrotar este monstro apenas com uma faca, não é? A quem devo agradecer?

Eles espantaram-se com a figura frágil diante deles. Suas vestes eram apenas um surrado vestido de linho rasgado, e alguns adornos dourados no braço e no pescoço, e ela calçava apenas uma sandália no pé esquerdo. Sua pele era de um leve tom moreno, muito claro, que se destacava devido a seus cabelos negros como o céu daquela noite. Eles eram bem compridos, quase na cintura, com exceção da franja que cobria sua testa, aparada bem rente às sobrancelhas. Seus olhos castanhos bem delineados, e seu rosto levemente arredondado lhe traziam um aspecto inocente.

— Eu sou Nídol, filho do rei Nanuk, dos anões do norte, a seu dispor. Mas a senhorita deve agradecer... — e, voltando-se a seu amigo, sorrindo, continuou — ...a este guerreiro sisudo. Ele que achou você.

— Eu sou Kael, do clã Galeg, um gaério.

E apontando ao animal, o anão indagou:

— Pelos deuses do norte, que criatura é essa?

— Eu não sei — explicou Thamira. — Sei apenas que há muitos répteis vivendo perto da cidadela. Ninguém consegue deixar o lugar, pelo menos não sozinho.

Kael então caminhou, observando a criatura aos seus pés, e disse:

— Estou confuso, moça. Pelo que vi há uma comunidade vivendo nas ruínas deste lugar. Soldados e guerreiros vêm para cá e se revezam na cidadela. No

entanto ninguém consegue sair por causa desses monstros, é isso? Mas você saiu, uma jovem sozinha, e à noite. O que te motivaria a isso?

— Eu procurava uma estrada. Existe uma estrada aqui que levará em segurança qualquer pessoa para fora da Selva Negra. Se eu encontrasse a estrada, nem esses répteis, nem qualquer ser que se esconde por este local poderia me atacar. O deus Hermes dos viajantes a construiu, e ela é abençoada. Sei que poderia levar muitos dias e noites, mas ela me guiaria até Mératon, e saí à noite porque meu pai não me deixaria buscar a estrada, e eu precisava saber se ela era real.

— Nunca ouvi falar de uma estrada na Selva Negra, mas ainda assim você não me confirmou como os soldados se revezam. É por essa tal estrada?

— Creio que sim, talvez. Alguns deles devem saber o caminho, pois foi por um deles que eu soube de uma possível direção.

— Bem, moça — disse Nídol, ajeitando seu machado na bainha. — Com esse pé machucado, você não irá a estrada nenhuma. Você virá conosco. Achamos um de seus soldados lá trás.

A jovem hesitou, ainda olhando a trilha, mas sabia que eles tinham razão. Kael ajudou-a a caminhar, e voltaram ao ponto em que deixaram Dásmius. Lá, o sacerdote fazia sua última prece diante do corpo de Acrísios.

Thamira quase tombou de joelhos ao ver seu amigo já sem vida, e o gaério ajudou a moça a sentar-se, enquanto as lágrimas escorriam copiosamente por seu rosto.

— Ele não deveria ter vindo. Ele me deu a direção certa, mas não deveria ter me seguido.

— Certo, moça. Não podemos ficar aqui, nem tentar achar nenhuma estrada abençoada. Seu amigo morreu, e precisamos chegar à sua casa. É mais seguro a esta hora.

— Dê um tempo a ela, Kael — falou Nídol, ao que o gaério respondeu:

— Não podemos. O garoto está morto, e pode começar a atrair sei lá mais o quê para cá. Também não temos tempo de fazer uma pira ou enterrá-lo. Isso não seria bom, e tomaria tempo demais. Estou tentando ser prático. Este lugar não é normal.

— Mas ele não pode ficar aqui — disse Thamira.

— Este lugar está quente, cheio de predadores. Eu não vou carregar um corpo conosco e nos atrasar. Já terei que levar você. No caminho você me explica que comunidade e que lugar são estes. Vamos.

Sem escolha, Thamira consentiu, e por toda aquela noite eles caminharam, seguindo a trilha que os levaria às velhas ruínas, enquanto a jovem lhes contava

sobre os moradores daquele curioso lugar. Segundo ela, aquelas terras foram reinos no passado, já tiveram reis e muitos moradores. Muitos diziam que por toda a Selva Negra havia resquícios de cidades, e até mesmo grandes palácios podiam ainda estar escondidos, emaranhados com a espessa vegetação, ou no subsolo, ocultando vestígios de civilizações de épocas perdidas.

Thamira também explicou que seus antepassados serviram a uma poderosa rainha, uma bela mulher que fora temida em todo o continente. Isetnofret, soberana da distante Akhmet, um reino dos desertos.

— Já ouvi falar nela — disse Kael. — Era uma bruxa, ou uma feiticeira.

— Não apenas isso, Kael. Alguns falam que a atual rainha de Akhmet ainda é a própria Isetnofret, ou uma reencarnação dela — explicou Dásmius.

— Isso mesmo. São muitas as lendas sobre a grande rainha, e meu povo a servia antigamente. Meu pai diz que éramos sábios e prestávamos serviços a ela. Podíamos prever o futuro, ver o invisível, enxergar o que nenhum outro ser humano podia enxergar. Esse era nosso dom. Mas Isetnofret era inimiga de uma criatura muito antiga, da qual não sei o nome, pois meu pai até hoje tem medo de citá-lo. Refere-se a ele no máximo como “o que rasteja nas sombras”. Naqueles dias, tal criatura enviou um de seus servos para roubar o dom de meu povo, pois ele queria prever o futuro, assim como meu povo fazia. O inimigo de Isetnofret era o inimigo do mundo, e com aquele poder, ele poderia saber onde estariam e o que fariam aqueles que o perseguiam, os que ousavam enfrentá-lo. Meu pai diz que esse monstro era bom em corromper as pessoas, transformá-las, dominá-las e enganá-las, e foi o que fez com um dos sacerdote de Akhmet, um homem conhecido como Sesur-Sati, que ousou desafiar então os poderes da própria Isetnofret. Mas o traidor foi um tolo, pois a magia fluía na rainha naturalmente e a tornava muito poderosa, e mesmo ele conhecendo todos os segredos obscuros, sussurrados por seu mestre, o sacerdote não conseguiu derrotar Isetnofret. E em um último ato desesperado, antes de fugir do reino de Akhmet, o corrompido Sesur-Sati capturou, com ajuda de alguns mercenários, os mais jovens entre meu povo. Desta maneira, se a rainha o matasse, seus reféns também morreriam nas lâminas dos sequestradores. Então, dizem que a rainha, sem poder libertá-los enquanto eram levados como escudo vivo, jogou uma maldição, não apenas no sacerdote, mas em todos os mercenários que o seguiam. A rainha proferiu o encantamento que dizia, “Como uma flor que nasce apenas em uma estação, e morre em uma única noite, eles pereceriam, perderiam seu poder, e quando a última pétala caísse ao solo, o último sopro de vida deixaria o corpo de Sesur-Sati”. Meu pai disse que aqui na Selva Negra existia tal flor, e o

sacerdote também sabia disso e correu para cá. Logo chegaria a estação em que nasceria essa flor específica, e a maldição ligou a vida de Sesur-Sati a ela. Dessa maneira, meu povo estaria livre sem precisar erguer uma única espada, sem precisar guerrear ou atacar ninguém. E ele ainda precisava de meu povo, pois queria entregar-nos a seu grande mestre. Além disso, Sesur-Sati queria usar o nosso antigo poder para encontrar o local certo da flor mencionada na maldição, pois quando esta nascesse e morresse, ele estaria perdido. Ele levou algum tempo, mas sabe, gaério, as pessoas podem ter poderes, dádivas dadas pelos deuses, mas ainda são apenas humanos, e como humanos, fraquejam. Cansados e torturados, o meu povo acabou por dizer a Sesur-Sati exatamente onde, dentro da Selva Negra, ele encontraria a flor. Dizem que faltava pouco tempo para ela nascer, mas o maldito conseguiu chegar algumas luas antes.

— Ainda não faz sentido sua história, Thamira — falou Kael, enquanto estendia um pouco de água de seu odre para a jovem. — Se a rainha amaldiçoou Sesur-Sati com o nascer de uma planta que dura um dia, por mais que ele chegasse antes da estação certa, não teria como ele acabar com a maldição. Não se altera a natureza. Uma planta ainda nasce e morre, como tem que ser.

— É, eu sei, guerreiro. Mas não duvide dos poderes daquele que rasteja nas sombras. Eles encontraram e esperaram a flor nascer, pelo que se sabe. Mas então, na noite esperada, a maldição não se concluiu. Eles não morreram, e meu povo ficou prisioneiro de Sesur-Sati. Meu pai disse que a maldição não se concluiu, mas que também não foi quebrada. Ele a interrompeu de alguma maneira, e ela ainda continua ativa. Por isso, Sesur-Sati às vezes envia soldados para fora da cidadela, dizem que buscando uma maneira de se libertar totalmente, ou buscando vingança contra nossa antiga senhora, a rainha Isetnofret. Os mercenários que foram amaldiçoados com ele ficam sempre a seu lado, eles nunca deixam a cidade, e é o resto da tropa que compõe seu exército que vem e vai. Todos servos do grande inimigo.

Afrouxando um pouco suas vestes, devido ao calor que fazia mesmo à noite, Nídol perguntou:

— Então Acrísios servia a esse maldito? Agora entendo porque ele pediu que orasse por ele, Dásmius.

— Ele era apenas um guerreiro, mas não era mau — defendeu Thamira. — Tentou me ajudar. Ele me disse onde talvez eu pudesse encontrar a estrada de Hermes, mas eu acho que ele não esperava que eu realmente fosse.

— Então, você estava fugindo da cidadela, e nós estamos levando você de volta — concluiu Kael.

— Conheço esse olhar... — soltou o anão, baixando a cabeça ao ouvir as palavras de seu amigo.

— Eu pretendia achar a estrada e buscar Isetnofret, seja ela a mesma do passado ou não. Eu preciso voltar para Akhmet. O meio mais rápido seria chegar a Mératon. Preciso libertar meu povo.

Eles continuaram caminhando pela trilha, agora em silêncio, até os primeiros raios de sol. Aos poucos a mata se abria e ficava mais fácil seguir pelo caminho, e quando o céu já estava claro, eles puderam avistar os gigantescos muros da cidadela.

— Se entrarmos aí, Kael, vão perceber que a moça tentou fugir — disse Dásmius, preocupado.

— Fique calmo, Dásmius. Nós estávamos perdidos e encontramos a moça desmaiada na trilha, com um soldado que enfrentou uma criatura e morreu em combate. Nós apenas a encontramos e ajudamos a voltar. Até então, Acrísios tentou levá-la daqui à força.

— Espero que isso funcione — disse Nídol.

— Talvez sim. Era fato na cidadela de que ele gostava de mim, mas ninguém sabia nossos verdadeiros planos — explicou com pesar a jovem.

Dásmius então pousou sua mão no ombro dela, e, tentando espantar as lembranças de Acrísios, ele perguntou, enquanto caminhavam:

— Diga minha jovem, e quanto ao dom que seu povo tem? Nunca houve uma maneira de usá-lo para que escapassem?

— Sabe, desde que meus antepassados foram presos, várias gerações atrás, eles evitaram ao máximo usar a dádiva que tinham, e com o tempo pararam de enxergar com a alma. E como meu pai sempre disse, se você se acostumar a olhar apenas o escuro, a claridade o cegará. Meu povo preferiu perder seu dom, a trabalhar para aquele que rasteja nas sombras.

— Gerações?! — falaram juntos Kael e Nídol, mas foi o gaério que continuou:

— A quanto tempo estão aí?

— Eu não sei precisar. O sacerdote e sua elite não envelhecem devido à maldição, e nós não sabemos mais contar o dia ou as semanas. Vivemos embaixo da cidadela. Eu nasci aqui, e o que sei do mundo ouvi de meu pai e do jovem guarda Acrísios.

Eles atravessaram o que um dia fora os portões de entrada na murada.

As casas ali eram maiores do que pareciam quando vistas do lado de fora, do alto da colina. Mesmo sendo velhas e algumas faltando pedaços, ainda eram imponentes. O chão de paralelepípedos, bem colocados, estava totalmente tomado por terra ou plantas. Ainda havia ruelas, becos e praças, mas tudo completamente abandonado, como uma cidade fantasma, com ausência de sons humanos. Era muito parecida com as cidades civilizadas, mas a sensação que os visitantes tinham era como se algo terrível houvesse acontecido naquele lugar, como nos mitos em que os deuses se voltam contra um povo, e o que sobra são as pedras que lutam contra o tempo. Talvez em cada casa ainda existisse algum segredo de quem viveu ali, uma parte esquecida da história da cidadela e de seus antigos moradores.

Eles se indagaram como poderia se viver ali. Não havia nada, nem ninguém, nem mesmo um guarda ou soldado patrulhava a rua. Nenhum vigia guardava os muros, e o calor aumentava conforme o sol se movia.

O gaério praguejou novamente quando não viu uma única nuvem no céu. Seria outro dia de extremo calor.

Dásmius por sua vez, analisava cautelosamente cada construção e monumento da cidadela. Como um bom meratoniano, conhecimento lhe era importante, independente da situação ou lugar. E tudo poderia passar ensinamentos, como o sacerdote sempre dizia a seus amigos. Ele buscava o menor vestígio que fosse de alguma cultura ou civilização sobre a qual ele já tivesse lido. Era um pouco difícil identificar alguma coisa útil devido ao estado do lugar, mas alguns palpites lhe vinham à mente. A única certeza que Dásmius tinha era que, realmente, se houvesse um reino ali, poderia ter sido há alguns milênios. Foi aí que ele perguntou a Thamira:

— Você disse que Sesur-Sati com seu povo vieram para cá há algumas gerações, e a cidade já estava em ruínas, certo? Vieram para cá apenas pela flor?

— Isso mesmo, foi aqui que meu povo encontrou a flor da maldição, em um abandonado jardim que fica do outro lado da cidade, próximo ao rio.

— O que exatamente vocês fazem aqui, se não têm mais o dom? — perguntou Kael enquanto olhava tudo ao seu redor.

— Somos escravos. Não temos mais o dom, mas ainda temos braços para trabalhar e servir. Também, pelo que meu pai disse, Sesur-Sati fez um acordo com meu bisavô, quando este ainda era jovem e chegou aqui. Ele nunca me disse exatamente o que foi, talvez não soubesse, mas Sesur-Sati jurou não matar o meu povo. Foi meu bisavô que encontrou a flor.

— Um sacerdote traidor do deserto, honrando acordos e palavra? Não faz muito sentido para mim — disse Kael. — Ele não manteria seu povo vivo apenas por promessa. Ou vocês ainda são um escudo contra a rainha feiticeira, ou seu bisavô fez algo a mais do que apenas achar a flor.

Eles chegaram então a uma gigantesca praça, que ficava à frente da torre que haviam avistado ao longe. No coração da praça, ainda quase inteiro, havia um relógio de sol.

O gaério analisou a torre quebrada pela metade, e quando seus olhos desceram à base dela, do seu arco de entrada, ele viu finalmente os primeiros residentes da cidadela.

Vários soldados saíram, com armaduras semelhantes às de Acrísios, em duas fileiras, se posicionando de maneira a ficarem um de frente ao outro, formando um corredor. E por último, das sombras do interior da torre, um homem bem alto de pele morena surgiu.

Sua cabeça era totalmente raspada, mas enfeitada com um fino diadema de ouro. Apesar de não ter um corpo robusto, ele era mais alto que o próprio gaério, um homem esguio que usava uma túnica longa e branca presa por um cinto, de onde pendia também uma pequena espada curva. Assim como em sua cabeça, seus braços ostentavam braceletes em ouro com fios de prata, formando o que pareciam serpentes.

Nídol reparou que em uma das mãos daquela estranha figura diante deles, havia um anel grosso de ouro, onde destacava-se um entalhe escuro na parte superior, que naquele momento o anão não conseguiu distinguir exatamente o que era e, após um tempo, nem mesmo ele soube entender porque a jóia lhe chamou tanta atenção.

O homem alto então sorriu, olhou para cada um deles, e ao parar diante de Dásmius, ele falou:

— Eu sou Sesur-Sati, alto sacerdote e líder deste lugar. Sejam bem vindos à minha casa.

Dásmius então explicou o que haviam combinado antes, e após ouvir atentamente, o estranho sacerdote falou:

— Agradeço muito por terem trazido a jovem Thamira em segurança. Sabíamos que Acrísios nutria sentimentos pela nossa menina, mas não achei que seria tão tolo a ponto de tentar levá-la daqui.

— Tolo porquê? — indagou Kael.

— Porque é extremamente perigoso embrenhar-se por essas matas. Apenas ele e Thamira não conseguiriam achar caminhos seguros. Esta selva é muito grande —

explicou Sesur-Sati, ainda com um sorriso no rosto, mas claramente incomodado por ter que responder à pergunta de Kael. E caminhando e pegando delicadamente Thamira pelo braço, enquanto fazia um gesto para que seus recém chegados o acompanhassem na direção da torre, continuou. — Venham, caros sobreviventes. Devem estar com sede e com fome. Pelo menos isso eu devo lhes oferecer, não aceito recusa. E podem me contar como chegaram aqui.

— Eu não recusaria, sacerdote — falou o gaério, retribuindo o sorriso quase irônico de Sesur-Sati.

Atravessaram a entrada da torre, e a luz do sol iluminava todo o lugar, pois não havia mais um teto ali. Via-se apenas escadarias nas paredes arredondadas, que subiam para o que um dia deveria ter sido um outro andar. Mas no solo, na lateral, um pesado alçapão estava aberto, revelando novas escadarias, estas descendo para câmaras inferiores. O guerreiro ainda olhou para a entrada, analisando os soldados. Todos iriam para debaixo da terra, como a jovem falou.

O lugar era bem grande, assim como as escadas, tudo muito iluminado por tochas, que iam revelando metros e metros abaixo do solo. E ao final chegaram a um corredor não muito longo, mas muito largo, que deixava a velha torre e os levava à verdadeira cidade, a moradia daquelas pessoas, um lugar parecido com a cidadela de cima, mas não em ruínas. Estava tudo muito bem conservado, apesar de ainda assim parecer um local abandonado, por não ter muitas pessoas.

Havia inúmeras casas que se estendiam metros abaixo deles, por todo o interior daquela gigantesca caverna, iluminadas por tochas espalhadas por aquelas ruas, afinal não havia um céu sobre eles, apenas o teto rochoso e escuro.

Sesur-Sati então pediu que soldados acomodassem e levassem os guerreiros para uma grande casa onde haveria comida e bebida, e onde também haveria camas decentes.

Dásmius então observou todo o lugar, mas antes de seguirem, ele perguntou:

— Onde estão os moradores? Vejo apenas soldados.

— Estão trabalhando a esta hora — explicou o anfitrião. — Lhes mostrarei tudo, após vocês descansarem.

Assim que chegaram à casa indicada, dois homens de roupas simples os receberam e os conduziram por salas belas e limpas, onde, sob os pés, havia desenhos de guerreiros de épocas anteriores. As paredes do corredor seguiam o mesmo estilo, e tudo ali remetia a outra época. Belos afrescos contavam histórias e lendas de um passado esquecido do continente.

Finalmente chegaram a uma sala redonda com uma grande mesa de madeira, onde os serviçais puseram comida e serviram bebidas. Portas pareciam levar a quartos e outros aposentos dali. Os servos olhavam sempre para baixo, nunca na direção deles ou dos soldados, que até então os haviam acompanhado, partindo somente quando Kael e seus amigos se sentaram. Realmente eles estavam cansados e com muita fome. Kael tocou o vinho e o cheirou, como era seu hábito, mas tudo lhe pareceu normal.

Confiando nos instintos do gaério, eles começaram sua refeição, e enquanto se alimentavam, Dásmius notou que os serviçais que lhe traziam água possuíam uma cicatriz na testa. Uma marca grande, que parecia ter sido feita de maneira bem grosseira e dolorosa. Com certeza não fora acidente, e ao perguntar o que era o ferimento, perceberam que um dos homens por um segundo prendeu a respiração, enquanto o outro apenas balançou a cabeça em repreensão. Era medo o que aquelas pessoas tinham. Eram escravos, e por sua vida inteira.

Foi nesse momento que Nídol disse:

— Sabe o que eu acho? Que esse sacerdote plantou um monte de flores, dessas da maldição, em algum lugar por aqui. Dessa maneira todo dia eles devem plantar mais, assim eles nunca morrem.

— Mas será que a planta nasceria no subsolo? Sem luz? — indagou Dásmius.

Os serviçais se entreolharam e Dásmius continuou:

— Senhores, se sabem algo, nos digam. Há uma flor por aqui?

Um deles olhou pela fresta de uma janela, em direção das ruelas, balançou a cabeça afirmativamente, e o homem que servia o vinho, murmurou:

— Há uma única flor, guardada por um gigante.

Kael de imediato levantou-se:

— Eu sabia! Quando tenho esses sonhos, eles me levam a um gigante!

— Você sonhou com um gigante? Porque não falou? — indagou Nídol, bravo.

Kael apenas balançou a cabeça afirmativamente, e pegando o serviçal por suas vestes, quase erguendo-o do chão, o gaério ameaçou:

— Digam-me homem, onde está o gigante?

Dásmius colocou a mão no ombro de seu amigo, falando calmamente:

— Guerreiro do norte, bravo companheiro. Este homem já sofreu muito. Acharemos o que busca, mas temos ainda que soltar os familiares de Thamira. Lembra-se? Você prometeu. Uma coisa de cada vez.

— Sei disso, Dásmius. E faremos, pois o gigante guarda a flor, e a flor é a vida do amaldiçoado. Com Sesur-Sati morto, todos os escravos estarão livres.

Kael largou o serviçal e dirigiu-se à porta, chamando seus amigos, que, depois de um suspiro, o seguiram. Nas sombrias ruas da cidade eles pediram a um dos soldados que fossem levados ao sacerdote líder do lugar. E quando o soldado tentou dizer que naquele momento não seria possível, o anão passou a mão na sua barba, balançando a cabeça negativamente para o homem, que então notou que aquele não era apenas um simples pedido. Temeroso, ele os conduziu, dizendo:

— Tudo bem estrangeiros, venham comigo. Mas não façam nenhuma tolice, e nem desrespeitem nosso senhor, pois jamais sairiam vivos daqui, e ele costuma ser um homem justo.

Kael pensou o quão justo Sesur-Sati era, ao andarem pelas ruas e verem um grupo de homens e mulheres indo de volta a suas casas, trajando farrapos, cansados e guiados por seus algozes em uma fileira. Isso era justo? Mas foi um outro detalhe que chamou a atenção do gaério. Aquelas pessoas de pele morena, tirando os mais jovens, possuíam a mesma cicatriz na testa. Crianças e adolescentes seguiam junto, e o gaério se indagou porque apenas os mais velhos tinham as feridas.

Eles seguiram para o outro lado da cidade, onde havia uma grande elevação, e escadarias talhadas na própria rocha do chão os levavam a um planalto, que terminava acima do telhado daquelas casas.

No topo, Kael olhou para trás, e como era estranho para ele ver uma cidade inteira em um lugar onde não havia céu. Ele respirou fundo, pois às vezes era difícil buscar o ar, já que também não ventava. Havia apenas pequenas brisas que chegavam por buracos e escavações nas paredes distantes da cidade. Era como um gigantesco formigueiro, a muitos e muitos metros abaixo do nível do chão, com aquela cidade no meio.

“Quanto mais ando nestas terras civilizadas, mais amo minha casa”, pensou. Então ele ouviu Nídol dizer:

— Por Nidavelir! Olha isso Kael! Parece um tipo de templo!

O espaço era enorme. Havia muitas colunas como as dos palácios meratonianos, mas estas não sustentavam nenhum teto, e pareciam que apenas enfeitavam o lugar, para lembrar um grande salão ou templo dos reinos civilizados. O chão era tão limpo e polido que chegava a refletir as quatro pessoas que ali caminhavam em direção ao centro.

No meio deste templo subterrâneo, Sesur-Sati estava ajoelhado diante de uma grande estátua, que fez Dásmius imediatamente levar a mão ao símbolo de sua deusa que tinha pendurado no pescoço.

Nídol, por sua vez baixou o machado que estava em seu ombro, e murmurou temeroso:

— Que coisa é essa?

Kael olhou atentamente a estranha figura esculpida em pedra. Sua cabeça tonteou, seu coração acelerou e um estranho arrepio percorreu toda sua coluna. Por alguns instantes, lhe pareceu já ter visto a bizarra imagem à sua frente. Um certo medo instalou-se, e uma angústia apertou o peito do gaério, enquanto ele observava cautelosamente a gigantesca forma esculpida em pedra no centro do altar.

A cabeça e tronco da estátua eram humanos, ou quase, e conforme se aproximaram, puderam vê-la melhor. Em cada lateral do tronco haviam dois braços, e cada uma das quatro mãos ostentava uma espada curta de lâmina curva, chamada cimitarra. Os músculos eram bem definidos no tórax e abdômen, como os de um guerreiro, mas o ser esculpido não tinha umbigo. De uma linha exatamente na altura de seu quadril para baixo, não havia pernas, e sim o extenso corpo de uma serpente, que ao chegar ao solo enrolava-se em si, e ainda continuava para trás do templo, onde no final do rabo projetava-se um chocalho, e de sua ponta saía um ferrão de escorpião.

A cabeça da estátua era a de um homem calvo, mas não possuía orelhas, apenas pequenos orifícios no lugar de seus ouvidos. Seus olhos de serpente ainda tinham formato externo parecido com os de um homem, seu nariz era pequeno e um pouco achatado, lembrando uma cobra, e de sua boca, também ainda humana, projetavam-se presas e uma língua bifurcada. A estátua deveria medir mais de três metros do chão à cabeça, sem contar o extenso rabo. Foi o que puderam analisar à primeira vista, então o sacerdote ajoelhado ergueu-se, voltou-se a eles, dizendo:

— Este é Lâmis, filho da primeira serpente da criação, temido no mundo dos homens e dos deuses, vivo desde o princípio, e meu senhor. Talvez conheçam algo sobre ele.

— Em minha terra conheço a história da primeira cobra e dos primeiros animais da criação. Sei que quando a grande deusa Danú informou aos animais sobre a criação do homem, a primeira serpente a questionou, por isso o primeiro lobo pisou sua pata sobre ela, para defender a vontade da deusa. E foi assim que Danú expulsou a serpente naqueles dias, antes do homem nascer, tornando o lobo seu campeão.

— Sim, bárbaro. Conheço esse mito, que não é apenas de sua terra. Mas poucos sabem o que aconteceu depois. A serpente transformou-se em homem e naqueles

primeiros dias seduziu uma mulher. Dizem alguns que foi aqui, neste local em que estamos, onde antes havia cidades e reinos. A mulher gerou o filho da serpente, o inimigo do mundo, aquele que rasteja, o arauto do deus do Caos, mais precisamente, Lâmis — enalteceu então Sesur-Sati, apontando a estátua atrás de si.

Dásmius deu um passo e continuou:

— Conheço bem o ser a quem cultua, li a respeito em minha terra. Os manuscritos dizem que seu veneno é o mais forte do mundo, nenhum ser vivo sobreviveria àquele ferrão.

— Sim — Sesur-Sati sorriu. — Mas esqueceu amigo, que o sangue de Lâmis também é venenoso para qualquer ser que ostente divindade.

Dásmius respirou fundo, olhando fixamente para aquele homem, incrédulo por tamanha blasfêmia contra os deuses, até porque o deus do Caos e qualquer arauto que ele possuía, eram inimigos não apenas dos outros deuses, mas de toda a humanidade, e seu culto era composto por assassinos, feiticeiros e até criaturas não humanas. Era proibido até citar seus nomes em algumas regiões.

— Durante eras heróis pereceram, semideuses morreram, mas ninguém nunca conseguiu derrotá-lo — explicou Dásmius.

— E a serpente? — perguntou Kael — O pai dessa coisa?

— Ninguém sabe. Após o nascimento de Lâmis, buscou os deuses, mas desapareceu. Como o deus do Caos embutiou tanto poder no veneno e no sangue de Lâmis, nada se aproximava dele. Por outro lado, Lâmis estava preso ao mundo humano. Como arauto do Caos, deveria odiar tudo que está vivo e também aos nossos deuses, seja o meu panteão ou os seus, meus caros. Alguns acreditam que ele está preparando o mundo para o dia em que o Caos reinará sobre os outros deuses.

— Mais uma lenda, mais um mito do passado — concluiu o gaério.

Ao que Sesur-Sati, proferiu:

— Tenha mais fé, bárbaro. Pois o que digo é verdade. Não duvide.

Dásmius interrompeu:

— Senhor, eu agradeço sinceramente a comida e o descanso que nos ofereceu, mas espero que entenda que na posição de sacerdote de Athena, eu não poderei mais ficar aqui.

— Eu esperava por isso. Fiz o que tinha que fazer como um bom anfitrião, afinal vocês estavam perdidos em minha selva. Por ora deixemos nossas crenças de lado, não estamos aqui como inimigos, não é?

— De maneira alguma — continuou Dásmius. — Eu jamais o julgaria pelo que acredita, ou por sua fé. E assim como me acolheu, eu o acolheria em minha casa se pedisse. Peço apenas permissão para que deixemos a cidade e continuemos a buscar um caminho ou estrada que nos leve de volta.

— Claro. Venham comigo. Prometo que os levarei agora de volta à selva, e indicarei o caminho da estrada que sei que já ouviram falar. — O estranho homem então seguiu à frente deles, descendo as escadarias, voltando a caminhar pelas ruas da cidade subterrânea.

O gaério, pela primeira vez na vida, viu a expressão de seu amigo sacerdote mostrar algo que poderia se assemelhar a raiva. Era estranho até de imaginar aquele calmo e sereno servo de Athena, gritar ou brigar enfurecido. Para Kael era tudo diferente, as religiões do sul e seus dogmas, para ele, eram esquisitos e exagerados. Estátuas e templo eram perda de tempo. Mas independente disso, era fato inegável que Dásmius era o homem mais sábio, inteligente e bom que o guerreiro havia conhecido em sua vida. Então, para tranquilizar seu amigo, Kael aproximou-se, pôs a mão no ombro do sacerdote e sussurrou:

— Fique calmo, Dásmius. Lembre-se, o lobo pisou sobre a serpente.

A expressão de Dásmius mudou subitamente, e um sorriso nasceu em seu rosto. As palavras daquele homem, a quem os outros chamavam de bárbaro, o tranquilizaram e acalmaram.

Eles seguiram o anfitrião, voltando à torre. Foi quando Nídol perguntou ao sombrio homem sobre Thamira, e disse que gostariam de vê-la antes de partirem.

Sesur-Sati então desviou o caminho e, ao invés de guiá-los para as escadarias, abriu outro alçapão na torre, que os levou a um nível mais abaixo.

Agora, em vez de degraus, eles desceram por uma extensa rampa, contornando novamente a parede circular da torre. O som que vinha de baixo parecia de homens trabalhando, com martelos e metal tilintando pelas paredes de pedra. Foi então que chegaram a um local onde vários homens pareciam fabricar armas e consertar armaduras, todos acorrentados, e entre eles, a jovem Thamira. E todos com a mesma cicatriz na testa, como os serviçais na cidade acima pouco antes.

Eles indagaram o sacerdote, pois Thamira disse ser filha de um sábio, de alguém importante, no entanto parecia uma escrava como os outros.

Então, ainda sorridente e confiante, Sesur-Sati disse que sim, Thamira era filha de um sábio, que junto com outros, cuidavam de seu tesouro mais precioso, mas era a própria jovem quem insistia em ficar entre aqueles que eram apenas escravos.

Antes de chegarem ao final da rampa, Kael notou uma grande porta, lá embaixo, do outro lado do salão. De lá vinha uma brisa, e muito suavemente, quase que imperceptível para qualquer ser humano, lhe chegou o perfume da primeira mulher, o mesmo que ele sentira na selva, na trilha que eles não seguiram.

Rapidamente o senso de direção do gaério refez todo o caminho em sua cabeça, desde que entraram ali embaixo, como se eles ainda estivessem em cima, na cidade em ruínas, e se ele não estivesse equivocado, aquela porta o levaria mais ou menos na direção da trilha da brisa fria, ao norte, fora da cidade. Os olhos de Thamira se encontraram com os dele, enquanto ele analisava todo o local de trabalho dos escravos, um tipo de forjaria, com fornalha e muitos instrumentos em ferro. A jovem tentava avisar o guerreiro gaério através do olhar.

Enquanto desciam lentamente, o anfitrião pronunciava palavras que Kael não mais ouvia. A única coisa que percebia eram os olhos da jovem fitando os dele, e ele por sua vez não conseguia desviar o olhar. Todo o ar do local parecia estar parando conforme chegavam ao fim da rampa.

E como se ela estivesse ao seu lado, ele ouviu sua delicada voz. *“Veja, deixe-me lhe mostrar.”*

O guerreiro do norte não estava mais ali, não ouvia seus amigos ao lado, o servo da serpente, nem o som de metal ecoando nas paredes de pedra. O que ele via ao seu redor era outra câmara, muito maior que aquela, com apenas duas entradas, e onde o chão sob seus pés era de terra. As paredes eram bem feitas e cuidadas, haviam sido construídas há menos tempo que a cidade, mas conforme a imagem clareava, ele percebeu que estava em um jardim protegido por essas paredes, e finalmente em um local onde não havia mais um teto encobrindo o céu, que estava escuro, anoitecendo. A claridade vinha de pequenas fogueiras espalhadas pelo jardim, mas com chamas que não tremulavam, não se mexiam.

Entre algumas flores, um pequeno beija flor, com seu delicado e fino bico que extraía o néctar, estava suspenso no ar, imóvel. Podia-se até ver o perfeito formato de suas asas, que não batiam. Kael até sorriu levemente, nunca tinha visto a asa de um beija flor, pela maneira veloz como sempre se moviam normalmente. Então notou que apenas ele podia andar e fazer qualquer gesto. Tudo à sua volta era inerte como em uma pintura.

No centro do protegido jardim, havia quatro homens ajoelhados, com as mãos descansando em suas coxas, nas direções dos pontos cardeais, e bem no meio deles, uma única flor, grande, tão grande que se poderia pegá-la com duas mãos. Por outro lado, suas pétalas pareciam tão finas que eram quase translúcidas,

parecendo que desmanchariam a um simples toque. Mas então Kael assustou-se, ao observar melhor o rosto desses homens, pois no meio de suas testas havia um olho, não simbólico, nem desenhado, e sim um olho real. Esse olho tinha pálpebras e piscavam, e sua íris movia-se juntamente com os outros dois, e ele reparou que somente os olhos daqueles homens conseguiam se mover naquele lugar.

Mas de repente, toda a imagem ao seu redor começou a desvanecer como fumaça, esbranquiçando, desaparecendo, e um som ao longe foi aumentando. Ele ouviu:

— Kael! Seu bárbaro! — bradava Nídol. — Mexa-se homem!

Soldados lutavam contra Nídol, enquanto dois homens seguravam Dásmius mantendo-o ajoelhado ao chão, e um soldado de quase dois metros de altura tentava segurar Kael pelos braços. O gaério sentia sua própria pele fria, e até aquele momento, era como se seu agressor estivesse fazendo muita força para tirá-lo do lugar, mas somente no instante em que ele voltou a si, é que o grandalhão conseguiu movê-lo.

Mas a experiência de Kael falou mais alto. Quando se curvou para a frente, o homem que tentava segurá-lo inclinou-se também, e perdeu o equilíbrio. O guerreiro sacou sua arma, e quando o gigante soldado tentou se levantar, Kael o acertou. Um golpe fulminante, forte o suficiente para que seu agressor nunca mais levantasse.

No instante seguinte, ele viu que Nídol conseguia manter sua situação sob controle. Dois soldados estavam caídos, e o terceiro tentava esquivar-se do forte machado do anão. Kael, velozmente voltou-se a Dásmius, e com apenas duas passadas, ele já golpeava um dos homens que prendiam o sacerdote de Athena. O segundo então, largou Dásmius para combater o feroz guerreiro diante dele.

Da rampa, mais soldados começavam a descer, enquanto Sesur-Sati esgueirava-se por uma porta, sumindo na escuridão. Os escravos apenas amontoavam-se nas paredes, com medo.

Kael gritou para Nídol libertar Thamira, mas antes mesmo do anão derrubar seu oponente, o sacerdote de Athena já tinha em suas mãos outro machado, que descia sobre as correntes dos prisioneiros.

Dásmius gritou:

— Já os libertei, Kael! Precisamos ir!

— Então vá, homem! O que espera? A coruja de tua deusa mostrar o caminho?

Thamira segurou o sacerdote pelas mãos, e o guiou pela passagem que Kael vira momentos antes. Já o anão e o gaério, fincaram o pé no meio do salão, lado a lado.

E golpe após golpe, paravam os soldados que chegavam, dando tempo dos escravos fugirem.

Era impressionante de se ver quando Kael e Nídol lutavam assim, protegendo um ao outro, mas golpeando os inimigos rapidamente, sem hesitar. Cada vez que se esquivavam de um ataque, desferiam outros três, e a cada golpe que acertavam, um soldado tombava. Mas, em instantes, ao último escravo fugir, os soldados que haviam tombado começaram a se levantar, como se nada houvesse acontecido.

Kael e Nídol se lembraram da história da maldição da flor, e apressaram-se a fugir pela passagem também.

— E quanto ao sacerdote? — perguntou Nídol.

— Você acha que aquele maldito ia morrer assim, fácil?

— É, com certeza não — concordou Nídol. — É um tipo de feiticeiro também, deve ter muitos truques na manga. O que faremos?

— Há um gigante aqui protegendo a flor, e algo me diz que está lá fora.

Eles percorreram um caminho íngreme. Aquele corredor subia cada vez mais, até que finalmente saíram do lado de fora da cidade em ruínas, na direção norte, próximo ao grande rio que avistaram no dia anterior.

Lá fora, as pessoas estavam assustadas, mas Dásmius as acalmava, e Thamira correu na direção de Kael ao vê-lo. Ela dizia algo sobre o pai dela, sobre as imagens, mas o guerreiro por sua vez, não lhe dava atenção.

Por todo aquele lugar estava o cheiro da mulher, o perfume que realmente o trouxera ali. O odor dela vinha com os ventos mais fortes e mais frios. Sem dizer nada a ninguém, ele apenas caminhou, com a espada em punho.

Seus dois amigos, quando perceberam, mandaram a jovem ficar com seu povo e aguardar ali, e puseram-se a acompanhar seu amigo. Eles ainda ouviram Thamira dizer que, sem saberem o caminho da estrada, não poderiam fugir, mas Nídol apenas pediu que se escondessem.

Eles não precisaram percorrer muitos metros pela mata. Em um espaço aberto, uma clareira às margens do grande rio, estava o que Kael buscava. O gigante, que ao final, revelou-se ser uma mulher, mas em uma condição que surpreendeu Kael.

Deitada de costas, seus braços e pernas estavam presos pelo que pareciam grossas raízes de árvore, enquanto uma de suas mãos tocava a água na margem do rio. Seu corpo tinha uma pele alva como a neve da Gaéria, assim como seus cabelos, que eram de um loiro extremamente claro. Aquela gigante devia ter mais de quatro metros de altura, e todo o chão abaixo dela, sob suas costas e pernas, estava congelado, desde a grama até mesmo a margem do rio. Ainda se via por cima

d'água, placas de gelo que se soltavam às vezes pela correnteza, mas toda a margem daquele lado do rio estava congelada a perder-se de vista. A única coisa que parecia não ter sido afetada eram as raízes que se projetavam sobre o solo, mantendo a gigante deitada e presa. O que não fazia sentido algum, com o calor daquela região.

A mulher virou o rosto de lado, na grama congelada, olhando para eles. Seus traços eram lindos, delicados, com lábios desenhados e expressão forte nos olhos, que brilhavam como grandes safiras, e agora fitavam o guerreiro do norte diante dela. A Giganta do Gelo falou:

– Olá, Caçador de Gigantes. Eu sou Ivga e há muito te aguardava.

– Por Danú! Uma gigante do gelo!

– Era o cheiro dela que você buscava? — perguntou atônito Nídol.

Kael confirmou com a cabeça, ainda admirado de ver aquela mulher aprisionada, tão distante de sua terra natal.

– Como é possível você estar aqui? E porque não se solta?

– Estou fraca demais para conseguir me soltar, pois além da raízes, um encanto forte e antigo me prende — respondeu Ivga, e após um suspiro, que condensou-se em uma névoa no ar, ela continuou. — Eu venho da Ilha de Jotunheim, mas há muito tempo, eu decidi partir de lá. Espero que não pergunte meus motivos, apenas parti. Caminhei pelas terras do norte, onde o frio era normal e comum. Mas meu anseio maior era vir para reinos que eu nunca conheci, mesmo tendo medo, pois sabia que quanto mais ao sul, mais quente seria, e não teria como sobreviver, mas as histórias que o vento do norte me trazia eram fascinantes. Então fiz uma coisa que não era permitida, na verdade, proibida em minha terra. Peguei algumas das lágrimas de Skadi, pequenas jóias que são muito comuns nas montanhas de Jotunheim, e que, próximas de um gigante de gelo, poderiam mantê-lo vivo até em lugares mais quentes. No passado, meu povo guerreou em batalhas em terras distantes e conseguiram sobreviver graças a essas jóias. Depois disso minha curiosidade me trouxe até esta selva, onde fui ludibriada por um homem de voz suave, um feiticeiro do deserto. Descobri através do povo que tudo vê, que era ele que vinha me atraindo para cá, me mostrando estas terras em sonhos, e quando cheguei já era tarde, e fui aprisionada. Apenas não morri por causa das jóias que ele agora mantém em seu jardim. Ainda estou viva, pois ele usa de meu poder, minha essência, para impedir que uma flor rara morra, e tem sido assim nos últimos trezentos anos, ou mais, quem sabe? Perdi a conta do tempo...

Kael lembrou-se do jardim que Thamira o fez ver em sua mente, a flor translúcida e o beijaflor parado, e os homens com três olhos em volta da flor.

— Não entendo — disse Kael. — Como ele usa teu poder?

— Ele congelou o tempo dentro do jardim, através de uma máquina que marca o tempo, semelhante a uma ampulheta, mas que na verdade é movida por água. Uma clepsidra. Dessa maneira as horas não passam. A noite não findou e a flor não morreu como deveria ter morrido, assim ela manteve Sesur-Sati vivo nesses últimos séculos. Ele construiu uma maneira de guiar a água do rio que passa por mim para levá-la até dentro do jardim. Pilares de pedra sustentam o aqueduto até dentro dele, despejando água nessa clepsidra. Dentro dela, o sacerdote jogou as jóias, congelando a água e todo o tempo dentro do jardim. Mas eu preciso ficar aqui para que as jóias funcionem. A água que passa por mim me liga às jóias dentro do jardim.

No instante seguinte ao pesar narrado pelas palavras de Ivga, Dásmius e Nídol, com os machados em punho, começaram a golpear as raízes que prendiam braços e pernas da gigante, mas conforme cortavam e partiam, mais raízes saíam do solo, quebrando o gelo e prendendo Ivga. Sem contar a raiz em seu pescoço, que apertava mais a cada golpe que eles desferiam.

Kael juntou-se, golpeando as plantas, mas quanto mais rápido eles eram, parecia que mais rápido elas cresciam, e Ivga gritou, pois as novas raízes apertavam mais e mais, e a machucavam com espinhos.

— Parem! Não vai adiantar — bradou Dásmius. — Só vai machucá-la mais.

— Verme adorador de serpentes! Vou matá-lo! — praguejou Kael.

— Sesur-Sati me mantém viva para manter seu jardim congelado. É por isso que pedi para o povo que vê o futuro me ajudar, com a única coisa poderia ser feita sem que o sacerdote percebesse. Eles te atraíram para cá, Kael. Eu pedi, pois mesmo estando aqui há muito tempo, os ventos falam comigo, e como uma canção, chegou a mim a história do Caçador de Gigantes. Enquanto eu dormia, eu te buscava em teus sonhos.

— Como assim?

— Você sempre sonha com um gigante quando ele está por perto. Eu te fiz sonhar comigo, mesmo eu estando longe. Eu te trouxe aqui para que me mate.

— Não posso matar você — falou Kael, guardando a sua espada.

— Porque não? Sou uma gigante como qualquer outra, e estou aqui diante de você. Nossos povos já se enfrentaram e você já fez isso antes.

— Mulher, todo gigante que enfrentei foi em um desafio, e eles tinham condições de se defender em um combate justo. Além disso, eles sempre estavam sendo cruéis onde andavam.

Naquele momento Kael notou que sempre via os gigantes da mesma maneira, como criaturas bestiais e cruéis, e nunca havia parado para pensar se haviam outros tipos, como há entre as pessoas comuns.

— Você está presa no chão — continuou Kael. — Isso seria assassinato e eu não sou um assassino.

— Eu lhe imploro! — insistiu Ivga, quase em desespero. — Você é um gaério, e sei que o seu povo preza a liberdade. Sou uma gigante, uma inimiga sua. E também sou uma pessoa querendo liberdade. Me liberte! Por favor, caçador de gigantes.

— Não vou matá-la, mulher. Vou libertá-la.

IV

Os ventos quentes mesclavam-se ao ar gélido daquela clareira da Selva Negra.

Kael, ainda um pouco confuso, encarava o olhar da gigante Ivga e entendia o que ela sentia. Naquela noite, eles não eram inimigos. Independente de qualquer coisa, ali ela era uma prisioneira, mantida pelo egoísmo de um vil sacerdote. Por alguns momentos, ele pensou se ela não tinha razão, se a morte não seria melhor do que aquela vida.

Ele caminhou, aproximando-se dela, e falou baixo:

— Te prometo uma coisa, filha de Jotunheim. Tentarei libertá-la, mas se não for possível, farei o que me pede.

— Como vamos ajudá-la, Kael? — disse Nídol, ansioso e inquieto.

— Terei que achar esse jardim. Eu já o vi, eu acho.

— Não pode entrar lá — interrompeu Thamira, que aproximava-se devagar pela trilha.

— Por que não?

— Primeiro, pelo jardim estar protegido. Segundo, há um poderoso encanto lá. Se atravessar aqueles muros, não dará dois passos e ficará congelado no tempo também, como meu pai e os outros de meu povo, que estão lá condenados a olhar a flor, mantendo o encantamento. As jóias de Ivga congelaram a água na clepsidra, mas o que tornou a clepsidra mágica foram os sacerdotes de meu povo em volta da flor. A única maneira de quebrar o encanto seria matar a gigante, assim você cortaria a ligação dela com as jóias dentro d'água.

— Deve haver outro jeito — disse Nídol, agora mostrando mais confiança em suas palavras. — Seu pai não pode nos ajudar?

— Não. Assim como Ivga, eles também estão presos no jardim. Além do mais, vocês libertaram alguns de meu povo, mas minha mãe e irmãos estão presos em outra parte da cidade, sob constante vigilância. Se qualquer coisa acontecer naquele jardim, eles morrem. E precisamos deles para sair daqui. Minha mãe ainda possui suas dádivas. Ela poderia achar a estrada de Hermes para que todos saiam em segurança desta selva, pois acreditem, meus amigos, eu não posso achá-la.

— Por que não?

— Porque todos aqueles de meu povo que tinham o terceiro olho, e as dádivas dadas por essa visão, a perderam quando os soldados de Sesur-Sati os cegaram. Vocês viram lá embaixo.

— A cicatriz na testa — interrompeu Dásmius, pensativo. — Somente os que estão no jardim e mais alguns poucos possuem ainda o olho, não é? Para se valer de suas dádivas.

— Sim, mas os do jardim estão congelados. Só suas mentes podem olhar, e eu ainda não aprendi a desenvolver os dons — explicou Thamira, levantando um pouco de sua franja, revelando as pálpebras fechadas no meio de sua testa.

— Pelos deuses! Você também. Por isso conseguiu me mostrar o jardim — afirmou Kael. — Me fale mais sobre esse jardim.

— Quando finalmente o sacerdote achou a flor, em um único dia ergueu os muros em volta, e colocou lá um de seus tesouros roubados de Akhmet, uma grande clepsidra, o marcador de tempo que utiliza água. Ele tinha apenas um dia para fazer tudo. Naquela mesma manhã ele aprisionou Ivga, e seus escravos construíram um rústico aqueduto, levando a água fria deste rio para encher a clepsidra, que então se ligou a tudo dentro daquele jardim e começou a marcar o tempo conforme a água caía por ela. Foi só então que ele usou a essência da gigante para congelar a água na clepsidra, congelando assim o tempo dentro do jardim. Nada consegue andar lá dentro, Kael. Eu apenas fiz você ver o jardim e ainda assim seu corpo enrijeceu, apenas de eu ter conectado sua mente àquele lugar.

O gaério andou de um lado a outro pensando em uma maneira de libertar Ivga e os familiares de Thamira, e fazer o tempo voltar a andar. Como dizia a maldição rogada por Isetnofret, a flor que apenas dura um dia, quando a última pétala cair, Sesur-Sati morre.

Após um breve momento, o guerreiro olhou para seus amigos e para a gigante atrás deles e delegou as tarefas:

— Dásmius, você fica com Ivga. Nídol e Thamira, com alguns dos recém libertados, busquem o resto dos prisioneiros. Eu vou achar o jardim.

— Como pretende fazer isso? — Dásmius perguntou.

— Vou dar um jeito. Apenas libertem os outros. Vá Nídol, tire essas pessoas daqui. Se você conseguir fazer isso, creio que os homens dentro do jardim não terão mais motivos para ajudar o maldito sacerdote. Eu vou ver o que consigo fazer.

Ivga então disse ao gaério:

– Se entrar no jardim, congelará rápido, a menos que tenha contigo uma das jóias. Isso poderá te dar alguns minutos.

– Mas as jóias estão dentro da clepsidra, com a água congelada, que por sua vez está dentro do jardim.

– Eu lhe disse que peguei algumas jóias em meu reino. Não disse que Sesur-Sati usou todas. Pegue, ainda há uma em meu anel. Esta pequena pedrinha azul.

Kael então se ajoelhou perto da mão da gigante, e viu o anel de metal com uma pedra azul encrustada. Notou também que havia espaço para outras, que provavelmente eram as que o sacerdote roubou.

Ivga então lhe deu um último aviso:

– Mantenha-a com você. Ela lhe dará algum tempo no jardim, mas nunca a quebre. Jamais, ou tudo neste reino congelará de verdade. Deve apenas levá-la embora daqui.

Nada mais foi dito, não havia necessidade. O guerreiro do norte concordou e apenas olhou, despedindo-se de seus amigos.

Ele caminhou seguindo o rio e logo encontrou a construção de pedra que desviava uma parte da água congelada para o jardim. Era uma construção em pedra sustentada por colunas, como haviam dito, onde um tipo de vala conduzia a água. Ele subiu pelas próprias colunas, caminhando em cima do aqueduto, e a poucos metros ele avistou os muros do jardim, exatamente como Thamira o fez ver em sua mente. A estrutura do aqueduto formava arcos pelo caminho, fazendo assim uma ponte que passava por cima do muro e terminava no mecanismo chamado clepsidra. Kael podia ver a água congelada em forma de fio, caindo do aqueduto e enchendo a clepsidra, que por sua vez parecia ser feita de bronze, em uma estrutura não muito complexa.

Era um cone, sustentado por duas pilastras também de bronze. Sua boca mais larga era virada para cima, onde a água caía, e embaixo, pelo bocal bem fino, escorria água para uma tigela, também em bronze. Mas toda a água estava solidificada em gelo. A clepsidra deveria ter uns três metros de altura e estava bem próxima a um dos muros.

Kael pensou que se continuasse andando pelo aqueduto, ao cruzar pelo alto dos muros, talvez a parada do tempo já o afetasse. Na verdade, quanto mais próximo ele caminhava, o ar parecia mais pesado e denso, quase como se não fosse possível respirar.

Ele olhou para a jóia que Ivga lhe dera, e guardou-a dentro de uma pequena bolsa de couro que carregava junto ao cinto, amarrando-a bem forte. E pensou se

aquela seria a hora de orar a seus deuses, mas Kael não era muito de orar. Apenas respirou fundo, atravessou por cima do muro, e pulou no jardim.

Ali o ar era denso e realmente pesado, e mover-se era quase como andar embaixo d'água. Requeria força a cada passo.

Kael notou que, se tentasse ir até o centro do jardim, na direção da flor, ficaria cada vez mais difícil caminhar. Olhou novamente para a clepsidra, tentando achar um jeito de quebrá-la.

Em uma situação comum, sua espada seria capaz de partir o metal, mesmo com o gelo, mas como tudo exigia muito mais força, ele não conseguiria, e também não podia correr o risco de quebrar as pedras dentro dela.

Logo sentiu um tremor leve na terra, e viu algo que antes não havia notado em sua visão do local. Na extremidade sul do jardim havia uma criatura humanóide feita de barro seco. Não parecia esculpida perfeitamente como um homem, mas ainda assim era assustadora. Tinha em torno de dois metros e meio de altura, e o tremor que Kael sentiu veio dele, quando a criatura deu um passo. Logo deu mais um, seguido de outro.

Kael se indagou como aquilo conseguia mover-se pelo jardim. Teria uma jóia como ele? Não, não tinha. O único raciocínio que veio à mente do gaério era que aquilo não tinha vida, e somente seres vivos estavam sob o efeito da magia. Aquela coisa era um golem, animado pela magia de Sesur-Sati. Seu rosto assustador não emitia som, pois não tinha uma boca, apenas buracos escuros nos olhos. E para o espanto do guerreiro, movia-se mais rápido do que Kael gostaria que ele se movesse.

Ivga lhe dissera que a jóia lhe daria penas alguns minutos, então ele teria que acabar logo com aquilo. Kael correu, com a espada pronta, e golpeou a perna do golem, fazendo o dobro de força que ele faria em um combate normal. O golem bambeou no mesmo instante, quase caindo, mas mais barro escorria de dentro dele, endurecendo e fechando o ferimento de imediato. Era impossível derrotar aquilo.

Em suas viagens, Kael ouvira falar de golens, feitos de vários materiais, e sabia que eles tinham um ponto fraco, mas ele não dispunha de tempo naquele momento para encontrar o da criatura, e ainda tinha que se concentrar na clepsidra. Mas ele mal teve tempo de pensar em algo quando a criatura o atacou com o braço. Kael foi jogado a metros de onde estava, com facilidade, e pensou, *“Ótimo, além de se mover rápido, ainda é forte como um gigante”*.

A criatura então, quase correu na direção de Kael, para golpeá-lo de novo. Mas, com mais esforço do que antes, Kael conseguiu jogar-se para o lado, se esquivando do golpe, e percebeu que seu tempo talvez estivesse acabando. Ele olhou então para a única coluna que sustentava o aqueduto dentro do jardim, e teve uma idéia, sussurrando para si mesmo. *“Forte como um gigante... A água liga Ivga a este lugar... Já que não posso quebrar as jóias...”*

Kael, por ter enfrentado gigantes e criaturas maiores em sua vida, sabia que às vezes era bom usar a força deles contra eles mesmos. E era o que ele pretendia fazer. O guerreiro correu para a base de pedra que sustentava aquela água congelada, e sentiu, pelo esforço que fez, que eram seus últimos movimentos dentro do jardim. A clepsidra estava à sua esquerda, também muito próxima, e ali, ele praticamente orou pela primeira vez em muito tempo:

— Deuses, sejam úteis agora. Olhem aqui. Façam essa coisa correr. Senão por mim, ao menos por Ivga e Thamira. Agora! — gritou ele.

Talvez os deuses o tenham ouvido, ou talvez tenha sido coincidência, mas o golem, a passos largos, praticamente jogou-se de encontro ao guerreiro. Kael não tinha forças para sair de seu caminho, então apenas se abaixou, e o golem encontrou-se contra a pilastra, com uma força descomunal. A água congelada que entrava na clepsidra quebrou-se, junto com a estrutura que a sustentava. Pedacos de pedra e gelo bateram na lateral da clepsidra, fazendo o cone de bronze cair ao chão, e tão forte foi o impacto do golem, que até mesmo um pedaço do muro quebrou-se.

Kael agora estava preso ao chão com um bloco de gelo sobre suas pernas, atordoado por ter batido a cabeça na queda. Ao seu lado, um monte de barro que lembrava ainda a forma de um homem, espalhava-se pelo chão. Sua espada havia voado para longe, e o guerreiro tentava se recompor, mas não conseguia se levantar. Kael ainda conseguiu ver o sacerdote Sesur-Sati entrando pelo jardim, praguejando em uma língua que o guerreiro não entendia, mas seu inimigo parou no meio do caminho, entre a espada do guerreiro e a flor no meio dos quatro homens. Havia gelo espalhado pelo chão, com a clepsidra tombada, assim com o aqueduto. Kael rezou para que a ligação entre Ivga e a clepsidra houvesse sido quebrada. Sem aquele rio de gelo, talvez a gigante estivesse livre.

O guerreiro olhava atento em volta para ver se o tempo voltava ao normal, da mesma maneira que Sesur-Sati fazia.

Kael ouviu vozes em sua cabeça. Eram Thamira e Nídol, entre outros.

Seu inimigo, vendo que aparentemente nada mudara, abaixou-se sorrindo e pegou sua espada, dizendo:

— Não deu certo, bárbaro. O tempo continua parado, a clepsidra está inteira, mesmo tombada. Agora vou matá-lo com sua própria arma.

Kael nada disse. Olhou para a flor não longe deles, e respirou fundo novamente, mas sorriu, quando suavemente as asas do beija-flor começaram a bater. Então falou:

— O gelo demora um pouco a derreter, feiticeiro. Mas nem tanto, no calor desta selva.

Sesur-Sati olhou em volta, buscando sinais de movimento. Largou a espada e correu para perto de sua flor. Kael naquele instante reconheceu uma das jóias de Ivga incrustada em seu anel, mas antes dele chegar diante da flor, um dos quatro sacerdotes se ergueu, segurando Sesur-Sati pela mão que ostentava o anel.

Naquele momento Kael notou Nídol, com a ajuda de outros homens, erguendo o bloco que estava sobre suas pernas. Alguém lhe perguntou se ele estava bem, e se podia andar. Kael consentiu com a cabeça e voltou-se a seu inimigo, vendo agora apenas um homem velho e enrugado, em frente à última pétala transparente soltando-se da flor e caindo ao chão. Uma criatura quase esquelética tombou de joelhos, e ao chegar ao solo, apenas havia suas vestes empoeiradas. O mesmo já havia ocorrido com todos os seus soldados pela cidade.

Kael, agora conseguindo se mover melhor, pegou sua espada e confirmou com Nídol que haviam encontrado todos os prisioneiros. Um pouco machucado, mas ainda conseguindo caminhar, ele apenas queria sair daquele jardim.

Seu amigo anão, olhando toda a situação, disse:

— Olha, ou você teve sorte, ou os deuses te ajudaram. Se uma dessas pedras caísse em tua cabeça...

Kael apenas concordou. Então, quando se preparavam para sair dali, ele ouviu uma voz trêmula chamando por ele. Uma senhora de cabelos brancos, e também com um olho na testa aproximou-se dele, segurando em suas mãos. Ela sorriu e disse, ternamente.

— Muito obrigado, meu amigo.

Kael olhou melhor as vestes, a voz diferente, mas era ela, era Thamira.

Assustado, o guerreiro começou a reparar nos outros em volta. Não havia mais tantos escravos, apenas vestes e aparatos caídos pelo chão do jardim. A maioria das fogueiras também estavam extintas. Os quatro protetores da flor já não mais

estavam ali, apenas roupas e poeira, e o céu estava vermelho como em um amanhecer. Ele olhou para sua amiga indagando:

— O que foi que eu fiz? Me perdoe Thamira. Eu...

— Porque se desculpa amigo? — interrompeu Thamira. — Você nos salvou. Finalmente estamos livres.

— Não. Novamente cometi um erro — insistiu Kael. — E vocês vão pagar.

— De maneira alguma! Você nos salvou Kael, de uma vida eterna de escravidão e dor. De alguma maneira, acho que o tempo parou para todos nós aqui na cidade. Claro que no jardim era mais forte o encanto, mas todos nós fomos atingidos. Agora compreendo isso. Com a queda da flor, tudo voltou ao normal e o tempo cobrou o seu preço. Ele veio de uma vez, mas em nenhum dos rostos que vi, eu senti tristeza. Assim como eu, que estou feliz, meu amigo. Obrigada.

A senhora Thamira sorriu e abraçou Kael. Ele segurou aquele corpo frágil, cada vez mais leve, até sumir, restando apenas o silêncio da cidade e do jardim. Então eles correram para encontrar Dásmius.

Kael queria ver se Ivga estava livre, e quando chegou com Nídol ao local, encontraram Dásmius, e pra sua surpresa, ou não, não existia mais uma gigante, nem mesmo as raízes, apenas a grama molhada que há pouco estivera congelada.

Dásmius se dirigiu a Kael e disse:

— Ela pediu para agradecê-lo por libertá-la também. Ivga disse que foi uma honra ter conhecido o Caçador de Gigantes. E se algum dia você se culpou por algum erro, hoje você libertou uma cidade inteira Kael. Incluindo uma gigante.

Kael olhou para sua espada e disse a seus amigos:

— A honra foi minha conhecê-la. Aprendi com ela muito mais do que imaginei que poderia aprender com um gigante.

— É... Acho que não julgaremos mais os gigantes apenas por serem gigantes, não é, meu amigo? — disse Nídol.

— Mas ainda não sabemos como sair daqui — concluiu Dásmius.

— Sabemos sim! — respondeu Nídol confiante. — Lembra que Thamira disse que sua mãe poderia saber o caminho? Nós a libertamos, e ela viu onde fica a estrada de Hermes. Agora eu os guiarei. Se não me engano é por aqui!

— Ótimo, agora dependeremos do anão para andar na mata... — brincou Dásmius.

— Anda bárbaro! Vai ficar o dia inteiro aí? — cutucou Nídol.

Kael deu uma última olhada na jóia que salvou sua vida no jardim. A guardou de volta em sua bolsa e seguiu com seus amigos.

Tomaram a estada de novo, três homens, de três culturas diferentes, amigos e irmãos de alma.

Kael e o Jardim do Tempo

Daniel R. Salgado

Edição Especial Prêmio Célio Nori

Secretaria de Cultura de Santos

SECULT



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



@danielrsalgado.escritor

<https://www.instagram.com/danielrsalgado.escritor/>

©2021 Daniel R Salgado. Todos os direitos reservados.